Coluna do Estudante[*]

Débora Maria Gonçalves Rodrigues

Sou estudante de Psicopedagogia e trabalho, há cinco anos, na APAE e, há um ano e meio, na Prefeitura de Lorena, SP, na área de Educação Especial.

Neste ano, durante a atribuição de tarefas na APAE de Lorena, fui presenteada com uma sala de psicomotricidade, cuja clientela era de alunos com diferenças de deficiência e idade, mas todos com alguma dificuldade psicomotora.

Depois de uma aula de psicomotricidade com a professora Ilma Rodrigues do Amaral, no curso de pós-graduação em Psicopedagogia que freqüento, oferecido pela Faculdade Bagozzi, em Guaratinguetá, SP, resolvi trabalhar com Circuito Psicomotor, devido às diferentes necessidades apresentadas.

Pensei, então, em um Circuito Psicomotor no qual, além das condutas motoras de base, fosse trabalhada a afetividade, visando ao desenvolvimento global do sujeito; no qual ele revivesse todas as fases do desenvolvimento, trabalhando com música em ritmos diferentes. Inicia-se na posição fetal, no colchão, com a música começando bem lentamente e aumentando o ritmo de acordo com cada exercício apresentado, como arrastar, rolar, sentar, engatinhar, andar, subir e descer.

Durante os exercícios, fiz várias descobertas sobre os alunos, como o caso de uma aluna, de 20 anos, que andava em bloco e nunca havia engatinhado. Em seis meses de trabalho, já vejo os resultados: essa aluna conseguiu ficar de bruços e engatinhar; uma aluna cadeirante começou a andar no andador; um aluno que quase não falava em sala, hoje está se soltando e falando bastante; um aluno com Síndrome de Down, que só fazia desenho de sol, já apresenta formas humanas em seus desenhos.

Não trabalho só o Circuito Psicomotor, mas o intercalo com outras atividades. Confesso que todo o trabalho é feito com muito amor e que me traz uma grande realização pessoal.

[*] Texto publicado no Boletim Informativo Psicopedagogia, edição de julho, agosto e setembro de 2005.